Pacto foi comprimida para evitar que o texto invadisse a metade inferior da página e que esta parece ter sido preparada para receber outro texto. Se a segunda cópia não chegou a ser escrita, não significará isso que houve ruptura ou desistência do acordo, ainda antes de ser celebrado? Conclui-se, portanto, que, sendo razoável concordar com Souto Cabo que o pacto é anterior ao documento de 15 de Abril de 1175, pode tê-lo antecedido de pouco. Não fica provado que seja, só por isso, anterior à *Noticia de Fiadores*, que não se sabe em que dia de 1175 foi escrita. Uma datação «1173-1175» seria talvez mais próxima da realidade do que «ca. 1173». De qualquer forma, a questão de saber se um documento é ligeiramente mais antigo do que o outro revela-se pouco interessante, face à venerável antiguidade de ambos e ao seu grande valor histórico e linguístico.

Mais importante ainda é que estão a aparecer em bom número documentos originados da segunda metade do séc. XII, alguns exactamente datados como a *Notícia de Fiadores*, outros datados aproximadamente como o *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais*, outros sem data alguma, mas todos eles exibindo em maior ou menor grau formas romances, ou mesmo blocos compactos em romance, que nos mostram que já havia a possibilidade de escrever português um século antes de ele começar a ser regularmente usado na escrita dos documentos, meio século antes de o ter sido esporadicamente (cf. Souto Cabo 2006). Se os esforços dos investigadores envolvidos continuarem com o ritmo e o nível que têm revelado, talvez resulte daqui a constituição de um *corpus antiquíssimo galego-português*.

8.5 Comentário linguístico de textos

Testamento de Afonso II (1214)

Texto

São reproduzidas, face a face, as edições de L e T publicadas pelo Pe. Avelino de Jesus da Costa (Costa, 1979, pp. 312-321). Cada parágrafo corresponde a uma linha de texto no manuscrito L, estando numeradas as linhas de 1 a 27; a divisão do texto em T, que tem 37 linhas, é, assim, artificial e destina-se apenas a permitir o fácil cotejo das duas versões. A mudança de linha em T aparece representada por barras, com o número da linha seguinte em expoente. Os desenvolvimentos de abreviaturas praticados pelo editor são mantidos aqui, mas sem serem assinalados; Costa marcou-os com parênteses curvos, que sobrecarregam bastante o texto. Só não são acompanhadas algumas raras intervenções do editor (L9, L16, L22, L26), que visavam regularizar acidentes do manuscrito.

Manuscrito L (ANTT)

[1] En'o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, temẽte o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de meus filios e de meus uassalos e de todo meu reino fiz mia mãda per que de-

[2] pos mia morte mia molier e meus filios e meu reino e meus uassalos e todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. Primeiramente mãdo que meu filio infante don Sancho que ei da raina dona Orraca agia meu reino entegramente e en paz. E ssi este for

[3] morto sen semmel, o maior filio que ouuer da raina dona Orraca agia o reino entegramente e en paz. E ssi filio barõ nõ ouuermos, a maior filia que ouuermos agia'o. E ssi no tẽpo de mia morte meu filio ou mia filia que deuier a reinar nõ ouuer reuora, segia en poder

[4] da raina sa madre e meu reino segia en poder da raina e de meus uassalos ata quando agia reuora. E ssi eu for morto, rogo o apostoligo come padre e senior e beigio a terra ante seus pees que el recebia en sa comẽda e so seu difindemẽto a raina e meus filios e o reino. E ssi eu

[5] e a raina formos mortos, rogoli e pregoli que os meus filios e o reino segia en sa comẽda. E mãdo da dezima dos morauidiis e dos dieiros que mi remaserũ de parte de meu padre que sũ en Alcobaza e do outr'auer mouil que i posermos pora esta dezima que segia partido pelas manus

[6] do arcebispo de Bragaa e do arcebispo de Santiago e do bispo do Portu e de Lixbona e de Coĩbria e de Uiseu e de Lamego e da Idania e d'Euora e de Tui e do tesoureiro de Bragaa. E outrossi mãdo das dezimas das luctosas e das armas e doutras dezimas que eu tenio apartadas en te-

[7] souros per meu reino, que eles as departiã assi como uirẽ por derecto. E mãdo que o abade d'Alcobaza lis de aquesta dezima que el ten ou teiuer e eles as departiã segũdo Deus como uirẽ por derecto. E mãdo que a raina dona Orraca agia a meiadade de todas aquelias cousas mouils que eu ouuer

[8] a mia morte, exetes aquestas dezimas que mãdo dar por mia alma e as outras que tenio en uoontade por dar por mia alma e non'as uiier a dar. Et mãdo que si a raina morrer en mia uida que de todo meu auer mouil agia ende a meiadade. Da outra meiadade solten ende primeiramente

Manuscrito T (Toledo)

En'o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, temente o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier reina dona Vrraca e de meus filios e de meus uassalos |[2] e de que todo meu reino fiz mia mãda per de-

pois mia morte mia molier e meus filios e meus uassalos e meu reino e todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. Primeiramente mã-|[3] do que meu filio Ifan[*te*] don Sãcio que ei da reina dona Vrraca aia meu reino enteiramente e en paz. E sse este for

morto sen semel, o maior filio que ouuer da reina dona Vrraca aia o reino entegramẽte e en paz. |[4] E sse filio baron nũ ouuermos, a maior filia que ouuermos aia'o. E sse no tẽpo de mia morte meu filio ou mia filia que deuier a reinar nũ ouuer reuora, seia en poder

da reina sua madre e meu reino |[5] seia en poder da reina e de meus uassalos ata cãdo aia reuora. E sse eu for morto, rogo o apostoligo como padre e senior e beio a terra ante seus pees que el receba en sa comenda e so seu defendimento a reina |[6] e meus filios e o reino. E sse eu

e [*a*] reina formos mortos, rogoli e pregoli que os meus filios e o reino seiam en sa comenda. E mãdo da dezima dos morauidiis e dos dineiros que mi remasem da parte de |[7] meu padre que sũ en Alcobacia e do outr'auer mouil que i posermos pora esta dezima que seia partido pelas manos

do arcebispo de Bragaa e do de Santiago e do bispo do Porto e de Lisbona e de Coinbra e de |[8] Uiseu e de Lamego e da Idania e d'Euora e de Tui e do tesoureiro de Bragaa. Outrossi mando das dezimas das luitosas e das armas e doutras dezimas que eu tenio apartadas en te-

souros per meu rei- |[9] no que eles as departan assi como uiren por guisado. E mãdo que o abade d' Alcobacia lis de aquesta dezima que el ten ou teiuer e eles as departan segũdo Deus como uiren por dereito. E mãdo |[10] que a reina dona Vrraca aia a meiadade de todas aquelas cousas mouils que eu ouuer

a mia morte, exetes estas dezimas que mãdo dar por mia alma e as outras que tenio en uoontade por dar por mia alma |[11] e non'as uiier a dar. E mãdo que se a reina dona Vrraca morrer en mia uida que de todo meu auer mouil aia ende a meiadade. Da outra mia meiadade solten ende primeiramente

Manuscrito L (ANTT)

[9] todas mias devidas e do que remaser fazam en tres partes e as duas partes agiã meus filios e mias filias e departiãse entr'eles igualmente. Da terceira o arcebispo de Bragaa e o arcebispo de Santiago e o bispo do Portu e o de Lixbona e o de Coĩbria e o de Uiseu e o d' Euora fazã desta

[10] guisa: que u quer que eu moira quer en meu reino quer fora de meu regno fazam aduzer meu corpo per mias custas a Alcobaza. E mãdo que den a meu senior o papa ĪĪĪ morauidiis, a Alcobaza ĪĪ morauidiis por meu añiuersario, a Santa Maria de Rocamador ĪĪ morauidiis por meu añiuersario

[11] a Santiago de Galicia ĪĪ CCC morauidiis por meu añiuersario, ao cabidoo da Séé da Idania mille morauidiis por meu añiuersario, ao moesteiro de San Gurge D morauidiis por meu añiuersario, ao moesteiro de San Uicẽte de Lixbona D morauidiis por meu añiuersario, aos caonigos de Tui mille

[12] morauidiis por meu añiuersario. E rogo que cada un destes añiuersarios fazam sẽpre no dia de mia morte e fazam tres comemorazones en tres partes do ano e cada dia fazam cantar una missa por mia alma por sẽpre. E ssi eu en mia uida der estes añiuersarios, mãdo que orem por mi co-

[13] me por uiuo ata en mia morte e depos mia morte fazam estes añiuersarios e estas comemorazones assi como suso e nomeado, assi como fazem en'os outros logares u ia dei meus añiuersarios. E mãdo que den ao maestre e aos freires d'Euora D morauidiis por mia alma, ao comen-

[14] dador e aos freires de Palmela D morauidiis por mia alma. E mãdo que o que eu der daquesta mãda en mia vida que non'o busque nenguu depos mia morte. E o que remaser daquesta mia tercia mãdo que segia partido igualmẽte en cinque partes das quaes una den a Alcobaza u

[15] mando geitar meu corpo. A outra ao moesteiro de Santa Cruz, a terceira aos Tẽpleiros, a quarta aos Espitaleiros, a quinta den por mia alma o arcebispo de Bragaa e o arcebispo de Santiago e os cinque bispos que suso nomeamos segũdo Deus. E den ende aos omees d' ordin

[16] de mia casa e aos leigos que eu nõ galardoei seu servizo assi com'eles uirem por guisado. E as outras duas partes de toda mia meiadade segiã departidas igualmente entre meus filios e mias filias que ouuer da raina dona Orraca assi como suso e dito. E mãdo que aqueste auer

[17] dos meus filios que o teniã aquestes dous arcebispos cũ aquestes cinque bispos ata quando agiã reuora. E a dia de mia morte se alguus de meus filios ouuerẽ reuora, agiã seu auer. E dos que reuora nõ ouuerẽ mãdo que lis teniã seu auer ata quando agiã reuora. E mãdo que quen quer que

Manuscrito T (Toledo)

|[12] mias deuidas todas e do que remaser facan ende tres partes e as duas partes aian meus filios e mias filias e departans'antr'eles igualmente. E da terceira o arcebispo de Bragaa e u de Sãtiago |[13] e u bispo do Porto e u de Lisbona e u de Coinbra e u de Uiseu e u d'Euora facan ende desta

guisa: que u quer que eu moira, quer en meu reino quer fora de meu reino, facan aduzer meu corpo per mias custas a Alcobacia. |[14] E mãdo que den a meu senior o papa ĪĪĪ morauidiis, a Alcobacia ĪĪ morauidiis por meu añiuersario, a Santa Maria de Rocamador ĪĪ morauidiis, por meu añiuersario,

a Santiago de Galiza ĪĪ CCC moraui diis por meu añiuersario, ou |[15] cabidoo da Séé da Idania Ī morauidiis por meu añiuersario, ou moesteiro de San Iorgi D morauidiis por meu añiuersario, ou moesteiro de San Uicẽte de Lisbona D morauidiis por meu añiuersario, ous conigos de Tui |[16] Ī

morauidiis por meu añiuersario. E rogo que cada uno destes añiuersarios facan sempre en dia de mia morte e facan tres comemoraciones en tres partes do ano e cada [d]ia facan cantar una missa por |[17] mia alma por sẽpre. E se en mia uida der estes añiuersarios, mãdo que oren por mi co-

me por uiuo ata en mia morte e depois mia morte facan estes añiuersarios e estas come-|[18] moraciones assi como susu e nomeado, assi como fazen en outros logares u ia dei meus añiuersarios. |[19] E mãdo que den ou maestre e ous fraires d'Euora D morauidiis por mia alma e ou comen-

dador e ous fraires de Palmela D morauidiis por mia alma. E mãdo que o que eu der daquesta mãda en mia uida que non'o busque nẽgũu depois mia morte. E u que remaser daquesta mia tercia |[20] mãdo que seia partido igualmente en cĩque partes das quaes una den a Alcobacia u

mãdo ieitar meu corpo. A outra ou moesteiro de Santa †, a terceira ous Tepleiros, a quarta ous Espitaleiros, |[21] a quinta den por mia alma o arcebispo de Bragaa e u de Santiago e us cĩque bispos que susu nomeamos segũdo Deus. E den ende ous omees d'ordin

de mia casa e ous leigos a que eu non galardo-|[22] ei seu seruicio assi com'eles uiren por guisado. E as outras duas partes de toda mia meiadade seian departidas igualmente antre meus filios e mias filias que ouuer da reina dona Vrraca assi co-|[23] mo susu e nomeado. E mãdo que aquest'auer

dos meus filios que o tenian aquestes dous arcebispos cum aquestes cĩque bispos ata quando aian reuora. E a dia de mia morte, se alguno de meus filios ou-|[24] uer reuora, aian seu auer. E dos que reuora nũ ouueren mãdo que lis tenian seu auer ata quando aian reuora. E mãdo que quen quer que

Manuscrito L (ANTT)

[18] tenia meu tesouro ou meus tesouros a dia de mia morte que os de a departir aquestes dous arcebispos e aquestes cinque bispos, assi como suso e nomeado. E mãdo ainda que se s'asunar todos nõ poderem ou nõ quiserẽ ou descordia for entr'aquestes a que eu mãdo departir aquestas dezimas

[19] suso nomeadas, ualia aquilo que mãdarẽ os chus muitos per nõbro. Outrossi mãdo daqueles que mia mãda an a departir ou todas aquelias cousas que suso sũ nomeadas que si todos nõ se poderẽ assunar ou nõ quiserem ou descordia for entr'eles ualia aquilo que mãdarẽ os chus muitos per

[20] nõbro. Mando ainda que a raina e meu filio ou mia filia que no meu logar ouuer a reinar se a mia morte ouuer reuora e meus uassalos e o abade d'Alcobaza sen demorancia e sen contradita lis den toda mia meiadade e todas as dezimas e as outras cousas suso nomeadas

[21] e eles as departiã assi como suso e nomeado. E ssi a mia morte meu filio ou mia filia que no meu logar ouuer a reinar nõ ouuer reuora, mãdo empero que aquestes arcebispos e aquestes bispos departiã todas aquestas dezimas e todas aquestas outras cousas assi como suso e no-

[22] meado. E a raina e meus uassalos e o abade sen demorãcia e sen contradita lis den toda mia meiadade e todas as dezimas e as outras cousas que teiuerẽ, assi como suso e dito. E ssi dar nõ li as quiserem, rogo os arcebispos e os bispos com'eu en eles confio que eles o demãdem pe-

[23] lo apostoligo e per si. E rogo e prego meu senior o apostoligo e beigio a terra ante seus pees que pela sa santa piadade faza aquesta mia mãda seer conprida e aguardada, que nenguu agia poder de uinir contra ela. E ssi a dia de mia morte meu filio ou mia filia que no

[24] meu logar ouuer a reinar nõ ouuer reuora, mãdo aqueles caualeiros que os castelos teen de mi en'as terras que de mi teem os meus riquos omees que os den a esses meus riquos omees que essas terras teiuerẽ. E os meus riquos omees den'os a meu filio ou a mia filia que no

[25] meu logar ouuer a reinar quando ouuer reuora, assi como os dariã a mi. E mandei fazer treze cartas cũ aquesta tal una come outra, que per elas toda mia mãda segia conprida, das quaes ten una o arcebispo de Bragaa, a outra o arcebispo de Santiago, a terceira o arcebispo

[26] de Toledo, a quarta o bispo do Portu, a quinta o de Lixbona, a sexta o de Coĩbria, a septima o d'Euora, a octaua o de Uiseu, a nouea o maestre do Tẽplo, a dezima o prior do Espital, a undezima o prior de Santa Cruz, a duodecima o abade d'Alcobaza, a tercia dezima facer guarda[r] en

[27] mia reposte. E forũ feitas en Coinbria IIII.^{or} dias por andar de Junio, Era M. CC.^{a} L.^{a} II.^{a}.

Manuscrito T (Toledo)

tenia meu tesouro ou meus tesouros a dia de mia mor-|[25] te que os de a departir a aquestes dous arcebispos e aquestes cinque bispos assi como susu e nomeado. E mãdo ainda que se s'asuar nõ poderen ou nõ quiseren ou discordia for antr'aquestes a que eu mãdo |[26] departir aquestas dezimas

susu nomeadas, ualia aquilo que mãdarẽ os chus muitos per nõbro. Outrossi mãdo daqueles que mia mãda an a departir ou todas aquelas cousas que susu sũ nomeadas que se |[27] todos non se poderen asuar ou non quiseren ou descordia for antr'eles ualia aquilo que mãdaren os chus muitos per

nõbro. Mãdo ainda que a reina e meu filio ou mia filia que no meu logo ouuer a rei-|[28] nar, se a mia morte ouuer reuora e meus uassalos e u abade d'Alcobacia sen demorancia e sen contradita lis den toda mia meiadade e todas as dezimas e as outras cousas susu nomeadas |[29]

e eles as departan assi como susu e nomeado. E se a mia morte meu filio ou mia filia que no meu logo ouuer a reinar nõ ouuer reuora, mãdo enpero que aquestes arcebispos e aquestes bispos departã |[30] todas estas dezimas e todas estas cousas outras assi como suso e no-

meado. E a reina e meus uassalos e u abade sen demorancia e sen contradita lis den toda mia meiadade e todas as dezimas |[31] e as outras cousas que teiuerem assi como susu e dito. E se dar nũ las quiseren, rogo os arcebispos e os bispos com'eu en eles confio que eles o demãden pe-

lo apostoligo e per si. E rogo e prego meu senior |[32] o apostoligo e beyio a terra ante seus pees que pela sa sancta piedade faca aquesta mia mãda seer conprida e aguardada, nõ que nẽgũu nũ aia poder de uenir contra ela. E se a dia da mia morte |[33] meu filio ou mia filia que no

meu logo ouuer a reinar nũ ouuer reuora mãdo a aqueles caualeiros que os castelos teen de mi en'as terras que de mi teen os meus ricos omees que os |[34] den a esses meus ricos omees que essas terras teiueren. E os meus ricos omees den'os a meu filio ou a mia filia que no

meu logo ouuer a reinar quando ouuer reuora assi como os da-|[35] rian a mi. E mãdei fazer treze cartas cũ aquesta tal una como a outra que per elas toda mia mãda seia conprida, das quaes ten una o arcebispo de Bragaa, a outra o arcebispo de Santiago, a terceira |[36] o arcebispo

de Toledo, a quarta o bispo do Porto, a quinta o de Lisbona, a sexta o de Coĩbra, a septima o d'Euora, a octaua o de Uiseu, a nona o maestre do Tẽplo, a decima o prior do Espital, a ũdeci-|[37] ma o prior de Santa †, a duodecima o abade d'Alcobacia, a tercia decima faco eu aguardar en

mia resposte. E foron feitas en Coinbra IIII.^{or} dias por ãdar de Iunio Era M.ª CC.ª L.ª II.ª.

Comentário linguístico

O texto do *Testamento* fornece indicações de interesse para conhecermos o estado da evolução da língua portuguesa no início do séc. XIII. Esta afirmação, sendo verdadeira para qualquer documento, ganha especial pertinência neste caso, porque das duas versões emanam informações díspares: como vimos, as grafias do copista do manuscrito de Toledo atestam evoluções fonéticas que não se encontram nas grafias do copista do manuscrito de Lisboa e que talvez permitam, pela sua modernidade, repensar alguns aspectos da gramática histórica do português.

Mas algumas formas linguísticas presentes no *Testamento* merecem também comentários explicativos pontuais, que esclareçam as suas dificuldades e ao mesmo sublinhem o seu carácter ilustrativo da língua que serve de matéria prima ao texto. Nos comentários que se seguem, serão feitas frequentes referências às gramáticas de Williams e Huber e às *Orígenes del Español* de Menéndez Pidal (as referências numéricas remetem para os parágrafos com que estas obras estão organizadas). Outras obras muito citadas são o *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* de José Joaquim Nunes e as *Lições de Filologia Portuguesa* de José Leite de Vasconcelos.

Linha 1

En' o (Williams, 137,4; Nunes, pp. 255-6)

Etapa intermédia no processo de contracção da preposição lat. IN com o artigo resultante do pronome lat. ILLU-: ĬN ĬLLO > en (e)lo > en'lo > enno > ẽno > eno > no (séc. XV). A grafia é comum aos dois copistas e correspondia provavelmente à etapa *ẽno*, com a vogal tónica ainda nasal, pois a *Notícia de Torto* também tem *ĩno* (l. 21), forma contracta aproximável desta, ao lado da forma latina *in ille* (l. 4). A formação do artigo definido português é assim descrita por Williams (137, 1):

> ĬLLE foi usado como artigo definido em latim vulgar. As formas portuguesas derivadas do acusativo latino são as seguintes:
>
> | *lat. clássico* | *lat. vulg.* | *português* | | |
> |---|---|---|---|---|
> | ĬLLUM | *lo | o | lo | no |
> | ĬLLAM | *la | a | la | na |
> | ĬLLOS | *los | os | los | nos |
> | ĬLLAS | *las | as | las | nas |
>
> Essas palavras eram inacentuadas e perderam sua primeira sílaba em latim vulgar, tornando-se **lo, *la, *los* e **las,* com *l* simples. E esse *l* simples se tornou medial em português em combinação com vogal prece-

dente; seu desenvolvimento subsequente dependeu da final anterior com a qual estava em contacto, final anterior que podia ser a) uma vogal, b) *r* ou *s*, e c) *n* consonantal.
O facto de que a primitiva forma em português, ainda que aparentemente proclítica ao substantivo que determinava, pudesse estar tão estreitamente ligada à vogal da terminação da palavra precedente, que determinasse a queda do *l* do artigo, ou à consoante da terminação da palavra precedente, que determinasse sua assimilação ao *l* do artigo, parece determinar que o artigo se desenvolveu o mais comummente em posição intertónica, isto é, entre duas sílabas acentuadas.

Deus (Williams, 34,7; Nunes, p. 46)
a) O *e* era aberto, por derivar de Ĕ breve tónico latino, e a palavra dissilábica: [dɛ-us]. Foi a semivocalização posterior [u > w], associada à ditongação anti-hiática, que provocou o fechamento assimilatório da vogal: [dews].
b) O vocabulário românico descende normalmente de formas do Acusativo, por isso chamado «caso regime». Mas algumas palavras, por motivos especiais, chegaram até nós com formas derivadas de outros casos latinos (Williams, 121; Nunes, 219; Huber, 314; Leite, *Lições*, p. 37):
– permanência do Nominativo: *Deus, Domingos, Macias, Marcos, Pilatos, Carlos, Jesus* (ao lado de *Jesu*, do Acusativo), *mestre* (MAGISTER, e não MAGISTRUM), *demo, virgo* (face a *virgem*, do Acus. VIRGINEM), *preste, bufo, cancer* (ao lado de *cancro*), *drago* (face a *dragão*, do Acus. DRACONEM), *soror*;
– permanência do Ablativo, nos advérbios em *-mente* (sufixo moderno, que no port. ant. era vocábulo separado, vindo de locuções do ablativo absoluto: *sancta mente* 'com espírito, ou intenção, santa'), e também em palavras como *Sagres* (< SACRIS), *Chaves* (< FLAVIIS), *agora* (<HAC HORA), *ogano* (< HOC ANNO), *ontem* (< HOC NOCTE, segundo Williams, ou AD NOCTE > anoite > onoite > õoite > õõte > õte > õtẽ, segundo Nunes, p. 344 e Huber, p. 257), *logo* (< LOCO), *nojo* (< IN ODIO);
– permanência do Genitivo: em topónimos formados com o nome do proprietário, VILLA VERACINI (Vila de Veracinus) > veratsini > veradzini > verdzĩi > varzĩ (*NdTorto*); em patronímicos formados com o nome do pai, seguido ou não do sufixo -IC- e da desinência do Genitivo (o filho de Martinus usava, após o seu nome próprio, o patronímico MARTIN-IC-I > martinidzi > martĩiz(i) > martĩs).

eu
a) O processo fonético tem afinidades com o de *Deus:* ĔGŎ > ɛgɔ > ɛo > ɛu > ew; o Ŏ final latino, sendo átono, fechou sucessivamente para [o] e

para [u]; no port. ant., a palavra era ainda dissilábica [ɛ-u], tendo o hiato sido resolvido por ditongação, o que implicou a semivocalização [u] > [w] no séc. XIV e as mesmas consequências assimilatórias sobre [ɛ] que vimos acima.

b) Aproveitemos para recordar o quadro geral da evolução do pronome pessoal sujeito do latim até ao português:

1.	ĔGŎ >	*eu*
2.	TŬ >	*tu*
3.	ĬLLE >	*ele, el* (em posição proclítica)
	ĬLLA >	*ela* [ɛla]
	ĬLLUD >	*elo* (p. ant.)
4.	NŎS >	*nós*
5.	VŎS >	vós
6.		*eles, eis* (port. ant. e dial.), *elas* formaram-se analogicamente a partir do sing. *ele, el, ela*. Não tiveram, pois, origem no Nom. lat. ILLI, ILLAE (Williams, 140,1).

don

Leite, *Lições,* p. 43, explica esta forma através do Vocativo de DOMINUS (DOMĬNE > domne > donne > done > dõe > dõ), mas é difícil que tenha sido essa a sintaxe mais habitual da forma, em qualquer tempo; é muito mais plausível a proposta de Huber 158, que a deriva do caso regime (DOMĬNUM > domnu > donno > dõno > dõ(no) > dõ).

É a fase final da evolução que tem mais interesse: o resultado normal de *donno* é *dono*, como no fem. *donna* produz *dona,* ou *anno* produz *ano.* Não se aplica aqui, naturalmente, a regra gal.-port. da síncope de -N- intervocálico, por se tratar de um -NN- geminado etimológico; neste caso, o primeiro nasaliza a vogal anterior e conserva apenas uma articulação residual, enquanto o segundo se mantém intacto [dõⁿno]. O que ocorreu foi a especialização, em dois corpos fónicos diferenciados, das duas significações da palavra: ao lado da forma plena *dono* 'proprietário', desenvolveu-se com o valor de título de nobreza ou cortesia, sempre antecedendo um nome próprio (ou alcunha, mas nunca patronímico, nem apelido), a forma *dõ,* obtida por apócope da sílaba final *-no*; esta apócope ocorre em situações de próclise, como também *santo* > *sã* > *são.* Para mais casos de próclise de palavras dotadas de acento tónico próprio, mas dependentes de palavra seguinte, ver Williams, 107, 1-2, Huber, 158, e Nunes, pp. 32-3.

gracia

A evolução fonética é perfeitamente regular: GRATIA > gratʃa > gratsa > grasa. No port. ant., não estando ainda concluído o processo evolutivo das sibilantes predorsais, a consoante era africada [gratsa] e surda; a sua não-sonorização, apesar da posição intervocálica, indicia uso semiliterário (Nunes, p. 144).

Os dois copistas L e T representavam essa africada surda [ts] com as grafias <ci> ou <c>, e L ainda com <z>, o que perturbou um pouco os comentadores mais antigos. Na verdade, a grafia <ci> pode ser considerada uma hipercorrecção, porquanto representa uma consoante cujo étimo é TI, que se confundia com CI, por terem confluído num único resultado românico (Williams, 89, 3-4). Huber, 191, 1, pensa que se trata de uma grafia semilatina e Leite, p. 68, sem discordar, aventa a hipótese de ser um castelhanismo, daí partindo para a ideia de o escriba L (único que conhecia) ser castelhano. A corroboração trazida por T apagou tal ilusão.

seendo

No português antigo, o verbo *seer* (< SEDERE 'estar sentado') tinha um campo significativo muito mais vasto que hoje: «ser, estar sentado, estar assente, encontrar-se». É esta última a acepção no texto. Cf. *estar* 'estar em pé, estar erguido'.

sano

Cf. L *raina* / T *reina* (l. 1), L *dieiros* / T *dineiros* (l. 5), L *manus* / T *manos* (l. 5), L *Lixbona* / T *Lisbona* (l. 6), L *comemorazones* / T *comemoraciones* (l. 12), L T *una* (l. 25).

Em todas estas formas, a grafia <n> não representa uma consoante, mas apenas a nasalidade da vogal anterior, correspondendo a sua posição a um hiato: [sã-u, reĩ-a, dĩ-eiros, mã-us, lisbõ-a, comemoratsõ-es, ũ-a]. A grafia de L <dieiros>, optando por uma representação não marcada da vogal nasal <i>, demonstra que <n> não era articulado.

A colecção de exemplos acima presta-se a traçar a história dos hiatos nasais, que entre os sécs. XIII e XV foram sendo eliminados de diversas formas:

a) semivocalização através de uma das vogais:

[sã-u > sãw, mã-us > mãws, comemoratsõ-es > comemorasõjs]

b) desenvolvimento epentético de uma consoante entre as vogais em hiato:

[ɲ] nasal palatal após [ĩ], como [raĩ-a > rai-ɲ-a, dĩ-eiros > di-ɲ-eiros]
[m] após [ũ], como [ũ-a > u-ma]

A epêntese de [ɲ] pode ter começado ainda no séc. XIII, a fazer fé na forma *dinheiro,* com o novo dígrafo provençal <nh> importado no tempo de Afonso III, forma que ocorre no *Livro de D. João de Portel* (1262); no entanto, J. P. Machado, que dá esta informação, ainda regista em 1302 a forma em hiato *deejro.* A epêntese de [m] parece bem mais tardia: a grafia *uma* só se generaliza a partir do séc. XVI e a pronúncia [ũa] continua a ter vida dialectal hoje em dia.

O hiato de *Lisbõa* foi dos poucos que sobreviveram, em forma desnasalada, tal como em *boa* (BONA > *bõa* > *boa*).

Para completar o quadro das evoluções a partir de hiato, basta acrescentar que a epêntese também pode ser de uma semivogal [j], em casos como CENA > cẽ-a > ce-a > ce-j-a (ceia) ou ARENA > arẽ-a > are-a > are-j-a (areia). Uma outra modalidade de eliminação do hiato, aqui não exemplificada, é a crase de duas vogais iguais (DOLORE > door > dor), as quais por vezes precisam de se assimilar (MAĬŌRE > maor > moor > mor).

dia

DĬEM > *DĬAM > dia: no lat. vulgar, algumas palavras mudaram da 5.ª para a 1.ª declinação (Williams, 124, 9; Huber, 310; Leite, p. 250):

RABĬEM > *RABIA > ravja > raiva
sanĭem > sania > sanha

Em francês e italiano, vingou um outro étimo mais recente, DĬURNUM (> jour, giorno).

mia

MĬA > mɛa > *mea > mja > ma

a) Pidal, *Manual,* p. 66, 1, explica por dissimilação o fechamento [ɛ > e]. A forma [mja], grafada <mha> ou, no texto, <mia>, ocorria em próclise, como *ma* (Huber, 89, 3). A forma moderna *minha* supõe *mĩa,* derivada de *mia* por nasalação progressiva (Huber, 91).

b) Aproveitemos para reunir a flexão do pronome possessivo, tónico.

1.	MĔUM	> mɛu	> mew
	MĔAM (> mɛa > mea > mja)	> mĩa	> minha
2.	TŬUM (> tou)	> tɛu	> tew
	TŬAM		> tua
3.	SŬUM (>sou)	> sɛu	> sew
	SŬAM		> sua
4.	NOSTRUM		> nosso
5.	VESTRUM > VOSTRUM		> vosso
6.	SŬUM (> sou)	> sɛu	> sew

Houve no port. ant. uma série [mɛu, tou, sou], depois substituída por [mew, tew, sew]: as 2.ª e 3.ª pessoas são analógicas da 1.ª. No feminino, a par da série tónica ['mia, 'tua, 'sua], existiu uma série átona [mja > ma, ta, sa], para situações de próclise.

Huber, 188, 3, explica *nosso* por uma assimilação -STR- > -ss-, mas Williams, 144, prefere conjecturar *NŎSSUM, analógica de NOS.

proe

PRŎDE > proðe > proe (Huber, 299) = 'proveito'. Dissílabo.

mãda

'testamento' (Viterbo, *Elucidário*). É substantivo pós-verbal de *mandar* 'recomendar, encomendar, legar'.

Linha 2

L depos, T depois

A formação com a prep. DE- prefixada não oferece problemas. Pode, lateralmente, admitir-se que não tenha sido a única em ibero-romance: cast. *después* e port. pop. *despois* postulam uma formação mais complexa, DE-EX-POST.

Sem solução satisfatória temos a questão do iode, se o étimo for POST, como supõe Williams, 97,7, que se limita a comentar que o -T apocopou em latim vulgar, sem justificar [pɔs > pojs]. No entanto, a dificuldade já fora advertida por vários autores: Nunes, p. 345, propõe um étimo conjectural *POSTI, enquanto Huber, 148 (de acordo com REW 6684, 6687) prefere a forma atestada PŎSTĔA, sem explicar o destino do -A. Ramón Lorenzo, partindo do mesmo étimo *(Gloss.*, p. 1036), admite tanto PŎSTĔA > *POSTIUS como PŎSTĔA > *POSTI. Leite *(Filologia Mirandesa* I, p. 450) é quem tem as propostas mais engenhosas, uma das quais se aproxima da linha seguida pelos autores que já vimos. Inspirando-se na evolução popular *quasi* > *quaise* > *quais*, imagina o seguinte destino para *POSTI > *poiste > *poist > pois. A verdade é que esta explicação, como as anteriores, só seria viável se a atracção do iode pela tónica, com a qual forma ditongo, se tivesse verificado ainda em lat. vulgar, antes do desaparecimento da consoante final. Se a deslocação se tivesse dado já em português, como a analogia estabelecida por Leite implica, então seria demasiado tarde para a síncope do -T.

Ora, a variação entre os dois copistas – de que já falámos (8.4) – não se conforma com uma evolução antiga e completamente estabilizada. Pelo contrário, esta parece ser uma das situações em que o copista L usa uma forma mais conservadora, *depos*, enquanto o copista T avança com

uma novidade, *depois*, assim evidenciando a sua maior receptividade à variação contemporânea. Mas em que consistia essa variação, pelos dados presentes? Não era certamente uma variação entre dois momentos na deslocação do iode para junto da tónica. Era sim uma variação entre existência e inexistência de iode. A forma do copista mais conservador L, *depos*, é perfeitamente consistente com um étimo DE-POST, de onde port. *depós*, como *após*, além do cast. *después* (cujo ditongo necessita um Ŏ breve tónico latino). Esta contínua e documentada ausência de iode levaria a encarar o seu aparecimento no ms. T como uma inovação em fase de expansão, prescindindo-se assim de conjecturar um iode latino e recuperando a etimologia de Williams.

Claro que isto não resolve o problema, mas apenas o transfere para outro campo; seria preciso talvez admitir uma evolução como esta: POST > pɔs > pos > pows > pojs. Ou seja, o iode surgiria no âmbito da oscilação entre os ditongos [ow] e [oj], ficando por explicar o aparecimento de [ow].

Afastadíssima é a segunda imaginativa hipótese de Leite: por antítese com MŎX 'logo, depressa', ter-se-ia formado em latim um advérbio *PŎX 'depois, mais tarde', cuja evolução [POKS > pojs] seria análoga à de SEX > seis.

sten

'Estejam', de STENT, 3.ª p. pl. do pres. conjuntivo de STARE. Trata-se do resultado regular da flexão latina:

STĔM	> este
STĔS	> estes
STĔT	> este
STEMUS	> estemos
STETIS	> estedes
STENT	> esten

Esta flexão foi mais tarde substituída por uma outra flexão analógica: *esteja* = *seja* (cf. adiante *segia*). As formas do singular eram de acentuação oxítona: *esté, estés, esté,* sendo o *-e* aberto.

folgãcia

'descanso, tranquilidade' (Leite, *Lições,* p. 71). Machado considera derivado, port., de *folgar* < FOLLĬCARE 'respirar com ruído, como fole'.

Leite interpreta a terminação *-cia* como latinismo ou então como castelhanismo, mas já vimos (cf. *gracia*) que se trata de simples representação da africada surda [ts].

filio

Notar a grafia <li> para a palatal [ʎ], como antes em *molier*. Esta é a mais frequente grafia que a consoante apresenta no texto, e é comum aos dois copistas; não há exemplos de <ll>, que viria a prevalecer em castelhano e em galego, e ainda era cedo para <lh>. Quanto à grafia<l>, cf. adiante *rogoli*.

L infante, T ĩfante

a) < IN-FANTEM, de INFANS, part. presente de FARI 'falar'; significava literalmente 'aquele que (ainda) não fala'. Segundo R. Lorenzo (1977, *Gloss:* 728), na Pen. Ibérica aplicou-se até ao séc. XII ao jovem nobre que ainda não tinha herdado (os *infantes de Lara* eram filhos de conde). Depois do séc. XIII, passou a ser designação reservada aos filhos do rei e, no séc. XVI, aos filhos segundos, cabendo *príncipe* ao primogénito.

b) Não se manifesta no texto a assimilação NF > ff > f, que ocorrera, assistematicamente, em lat. vulgar: *infante* > *iffante, inferno* > *ifferno, confortar* > *cofortar* (Huber, 57 e 243; Nunes, p. 134, associa com NS > nn > n, que classifica de «queda»).

c) Observa Williams, 124, 11, que era subst. e adj. uniforme para masculino e feminino. O desenvolvimento de uma forma própria para o feminino, segundo o modelo da 1.ª declinação (tema em *a*), começou cedo mas só se generalizou no séc. XVI:

PARENTEM	> parente	> parenta
INFANTEM	> infante	> infanta
SENIOREM	> senhor	> senhora

Esta generalização tem, contudo, numerosas excepções (*a estudante, a madre superior*, etc.).

L Sancho, T Sãcio

< SANCTIUS; para CT > [tʃ] cf. Pidal, 50.

É interessante que a grafia <ch> para a africada palatal surda, que viria a ser geral em port., só ocorra no copista L, enquanto T, tão atento às distinções fonéticas, se limita a representar esta palatal como faz com a predorsal, por <ci>.

ei

'hei': HABEO > abjo > ajo > aj > ej. O verbo *haver* funcionava ainda como forma plena e com o significado etimológico de 'possuir'.

O pres. ind. teve ainda em lat. vulgar uma flexão contracta, devido ao seu uso frequente em ênclise, como verbo auxiliar (Williams, 186):

(habeo)	> ajo	> aj > ej
(habes) > *has		> as
(habet) > *hat		> a
HABEMUS		>avemos (mas tb. HEMUS > emos)
HABETIS		>avedes>aveis (séc. XVI) (mas também HETIS > edes > eis)
(HABENT) > *HANT		> ã > ão (séc. XV)

L **agia**, T **aia**
'haja': HABĔAT > abja > aja > adʒa, pres. conj. do mesmo verbo *haver*. A africada palatal sonora [dʒ], tal como a sua correspondente surda, suscita comportamentos variantes por parte dos copistas: L <gi>, T <i>. O escriba da *NdTorto*, por seu lado, oscila entre ambas as grafias.

L **enteg(ra)m(en)te**, T **enteiram(en)te**
ĬNTĔGRUM > entegro > enteiro (Leite, *Lições*, p. 72). Para GR > jr, cf. também Williams, 92, 4: FRAGRARE > flagrar > tʃajrar > tʃejrar (= cheirar). O contraste entre as grafias para o iode, L <g> e T <i>, recorda o que acabamos de ver quanto a [dʒ].

Linha 3
L **semmel**, T **semel**
'descendência' (Leite, *Lições*, p. 73), de SĔMEN 'semente, geração'.
a) SĔMĬNEM > sem'ne > semle > semel. Esta é a explicação de Leite: *mn* dissimilou em *ml*, como em ANIMA > an'ma > alma e HIERONYMUM > Jeron'mo > Jerolmo, embora não se trate nem do mesmo grupo consonântico, nem do mesmo condicionamento. Williams, 57, 2, discorda: se o ĭ breve intertónico estava entre M e N, não sincopava:

NOMĬNĀRE > nomẽar > nomear
SEMĬNĀRE > semẽar > semear

Logo, SĔMĬNEM > semẽn > semẽ, embora isto deixe por explicar o -L. Machado, com verosimilhança, acha que a forma «deve representar adaptação culta do lat. SEMEN, com dissimilação do -n ~ -l», embora fosse mais adequado dizer «adaptação popular do cultismo *semen*».
b) Neste contexto, a variação dos copistas <mm / m> deve ser desprovida de valor fonético. A acentuação da palavra era paroxítona, como em latim, e o [e] tónico era fechado: ['semɛl].

reuora
'1. maioridade; 2. capacidade de outorga ou confirmação de contrato'.

a) Leite, *Lições,* p. 74, considera *revóra* (ou *robora*) substantivo posverbal de *roborar* < RŌBŎRĀRE 'consolidar' <RŌBUR 'carvalho; robustez'.
b) A grafia <u> = [v] de ambos os copistas sugere uma sonorização latina do -B- intervocálico, que não foi notada por Leite. O ponto teria, no entanto, de ser examinado no quadro da cronologia de V=B em port. ant., já que o betacismo v > b é inovação tardia originária do norte.

L segia, T seia
'seja': SĔDĔAT > sɛdja > sɛdʒa > sedʒa (Huber, 200,1).
Cf. *agia / aia:* embora o étimo de [dʒ] seja diferente, os copistas usam as mesmas grafias.

Linha 4
L sa, T sua
Cf. *mia,* para possessivos átonos. Depreende-se que, embora o contexto seja claramente enclítico, *reina sua madre,* o copista T não sentiu necessidade de usar a forma átona do pronome, possível sintoma do seu declínio.

madre
< MATREM. No port. ant., *madre* e *padre* eram mais usados que *mãe* e *pai,* mas eram arcaísmos já no séc. XV.

ata
a) < ár. ḤATTĀ 'até que, a fim de que' (Leite, *RL* IX, 11; Lorenzo, *Gloss.,* p. 192); seria de esperar, no entanto, o resultado *fáta.*
b) < *AD TENUS > *AD TENES > atẽes > atem > até (Nunes, p. 352; Machado, p. 343).
c) Huber, 158e, admite as duas formas coexistindo, tendo a sua sinonímia provocado finalmente a redução de *ata* a *até* (cf. Baldinger, p. 164).

L beigio, T beio
'beijo': BĀSĬUM > bazio > bazjo > bajzo > bejzo > bejʒo (Williams, 89).
a) A sonorização da apical [s > z] requere contexto intervocálico, logo antecede a semivocalização [ĭ > j], a qual é responsável pela palatalização [z > ʒ], sem passar por qualquer fase africada, depois da atracção do iode pela tónica e do fechamento assimilatório desta [aj > ej] (Williams, 40, 2; Huber, 81b). Significa isto que, no *Testamento,* as grafias podem corresponder à forma fonética actual da palavra. De onde, os copistas L e T usam as grafias <gi> e <i> para representar a fricativa palatal sonora [ʒ],

além da africada [dʒ], o que não ajuda a decidir se no séc. XIII ainda eram fonemas distintos.
b) Nunes, p. 146, recorda BASSIĀRE > baiʃar (= <baixar>), para sublinhar que -SS- geminado latino tem resultado surdo.
c) A grafia <beio> levanta outra questão: corresponderá ela a uma monotongação [ej > e], que Ana Maria Martins relaciona com a palatal contígua? Sem rejeitar esta hipótese, que atribui ao copista T uma inovação fonética, pode igualmente pensar-se que o copista tenha cumulado no grafema <i> duas funções – representar o iode do ditongo [ej] e a fricativa palatal [ʒ] –, pelo que não haveria variante fonética entre os copistas, mas apenas gráfica. Este procedimento não é invulgar (cf. *NdTorto*).

L recebia, T receba
RECĬPĬAT > recebia > receba (Huber, 230, 1).
A acentuação proparoxítona latina manteve-se em português, facilitando a síncope do [i] postónico. É um dos exemplos mais claros de como o estado de língua mais evoluído é transmitido pelo copista T. Outro exemplo na l. 7: L *departiã*, T *departan*.

Linha 5
rogoli e pregoli
[ʎi] < *li < ILLĪ, dat. de ILLE (Huber, 64). A aférese do *i-* inicial deve-se à posição apoclítica do pronome. A forma *li* aumenta o inventário das grafias do [ʎ] palatal; além de <li> antes encontrado, temos agora <l>. Exactamente como na *NdTorto*.

L remaserũ, T remaserum
REMANSERŬNT> remaserõ; de REMANĒRE 'ficar, restar' (Leite, *Lições*, p. 82).
Mais interessante que a assimilação -NS- > -S- é a frequência das duas terminações verbais – L <-ũ> e T <-um> –, que etimologicamente deveriam corresponder a [õ], mas que levam a admitir a hipótese de no início do séc. XIII a 3.ª p. pl. do pretérito ter tido uma articulação mais elevada, que os copistas interpretariam como [ũ].

Linha 6
Idania e tenio
IGAEDITANIA > Igetanja > Idanha; TĒNĔO > tenjo > tenho. Ambos os escribas representam com a grafia <ni> a palatal nasal [ɲ], resultante de N seguido de [j] semivocálico (Williams 1938, § 89.9). Tal como vimos

com a grafia <li>, ainda não ocorrem no *Testamento* as modernas grafias para as consoantes palatais.

L luctosas, T luitosas

LUCTOSA > lujtosa. O grupo -CT- evolui normalmente para -jt-, costumando a semivogal cair depois de [u] (LUCTU > lujto > luto, FRUCTU > frujto > fruto), mas não depois de outras vogais (DERECTU > derejto > direito, OCTU > ojto > oito) (Williams 1938, § 92.7). Nas grafias medievais, a presença do <c> é um arcaísmo e corresponde, claro, à semivogal (Maia 1986: 633-4). Assim, uma vez mais o escriba de L se apresenta como mais conservador. Igualmente na l. 7: L *derecto*, T *dereito*.

A *lutuosa* (forma moderna) era o imposto cobrado pelo senhorio de uma propriedade por ocasião da morte do enfiteuta, pessoa a quem estava arrendada (por foro ou prazo) essa propriedade.

Linha 10

L regno, T reino

REGNU > rejno < reino. Esta não é a evolução típica do galego-português, em que o [j] palataliza a nasal seguinte (AGNU > ajno > ajo, COGNATU > cujnado > cujado). O caso de *reino* explica-se como castelhanismo (Maia 1986: 635-6). Embora em castelhano a evolução normal deste grupo fosse igual à portuguesa (LĬGNA > leña e lenha), no caso particular de *reino* a sílaba inicial manteve-se intacta, com a semivogal, por causa da associação com *rey* (Pidal 1904: 144, n. 2; Williams 1938, §92.5.A).